

Discurso transgressor latino-americano em Silviano Santiago: aprender a desobedecer para (re)existir a partir da fronteira-sul

*Discurso transgresor latino-americano en Silviano Santiago: aprender a
desobedecer a (re)existir desde la frontera sur*

Dênis Angelo Ferraz¹

Prof. Dr. Edgar César Nolasco²

Resumo

Busco com a reflexão que aqui apresento, evidenciar uma leitura crítico-biográfica fronteiriça, a partir do discurso transgressor evocado pelo escritor mineiro, Silviano Santiago, sobretudo em sua conceituação do entre-lugar do discurso latino-americano, que aponta para uma abertura ao debate pós-colonial podendo se relacionar com a *desobediência epistêmica* de Walter Mignolo. Observando que esse discurso se erige a partir da cultura marginal e dos corpos que acabam por se tornarem inconvenientes (SANTIAGO, 2019) frente às normas instituídas socialmente, fica nítido a partir de tais indícios, toda relevância de se erigir tal reflexão. Engendrando neste debate conceitual um pensamento *outro*, que leve em conta o *bios* e o lócus de onde se emerge esses discursos, incorporando assim o pensamento que emerge na, e partir da, fronteira e de meu próprio *bios*, da minha condição de pesquisador e homem negro. Deprendendo-se à uma reflexão que se pautar na *desobediência epistêmica* (MIGNOLO) em relação ao conceito moderno que separa o corpo da produção de conhecimento, por meio de uma discussão à luz das conceituações de Edgar César Nolasco em, *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza* (2013), e de Walter Mignolo, em *Histórias locais / projetos globais* (2003), “Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade” (2017) e “A colonialidade está longe de ter sido superada, logo, a decolonialidade deve prosseguir” (2019), entre outras leituras que com essas se articulam. Com esse intento evidencia-se a importância de erigir leituras com base no pensamento fronteiriço, pois é nítido que a partir das inconveniências de corpos transgressores emergem vozes dissonantes como resistências políticas (SANTIAGO, 2019) em busca de (re)existirem, de modo que reforçam a urgência de se aprender a desaprender para assim reaprender de um modo *outro*.

Palavras-Chave: corpo; crítica biográfico-fronteiriça; descolonialidade; desobediência epistêmica; Silviano Santiago.

Resumen

Busco con la reflexión que aquí les presento, evidenciar una lectura crítico-biográfico fronteriza, a partir del discurso transgresor que es evocado por el escritor brasileño, Silviano Santiago, sobre todo en su conceptualización del entre-lugar del discurso latinoamericano, que apunta a una apertura al debate poscolonial que puede estar relacionado con la *desobediencia epistémica* de Walter Mignolo, tal discurso se dirige desde la cultura marginal y desde los cuerpos que acaban resultando inconvenientes (SANTIAGO, 2019) frente a las normas socialmente instituidas. Engendrando en este debate conceptual un pensamiento *otro*, que tenga en cuenta el *bios* y el locus de donde surgen estos discursos, incorporando así el pensamiento que emerge en, y desde la frontera, bien como a mi propio *bios*, mi condición de investigador y hombre negro. Se deduce a partir de una reflexión que se basa en la desobediencia epistémica (MIGNOLO) en relación con el concepto moderno que separa el cuerpo de la producción de conocimiento, por medio de una discusión a la luz de las concepciones de Edgar César Nolasco en, *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza* (2013), y de Walter Mignolo, en *Histórias locais / projetos globais* (2003), “Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade” (2017) e “A colonialidade está longe de ter sido superada, logo, a decolonialidade deve prosseguir” (2019), entre otras

¹ Bacharel em Ciências Sociais – UFMS; Membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados - NECC; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; denisferraz_une@hotmail.com

² Doutor em Literatura Comparada; FAALC/PPGEL UFMS; Coordenador do Núcleo de Estudos Culturais Comparados – NECC; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; ecnolasco@uol.com.br

lecturas que con estas se articulan. Con essa proposición, se evidencia la importancia de erigir lecturas basadas en el pensamiento de frontera, pues es evidente que, de los inconvenientes, de los cuerpos transgresores surgen voces disonantes como resistencias políticas (SANTIAGO, 2019) en busca de (re) existir, para que reforzar la urgencia de aprender a desaprender para volver a aprender de manera *otra*.

Palabras claves: cuerpo; crítica biográfica-fronteriza; decolonialidad; desobediencia epistémica; Silviano Santiago.

1. Introdução

Enfim, precisamos aprender a desaprender a pensar teoricamente a partir do lócus no qual nos encontramos, posto que nosso corpo se encontra situado a partir daí, bem como nosso pensamento. Nosso corpo também faz parte da epistemologia da qual nos valem para pensar e nos pensar. O *bios* se inscreve nesse lócus enunciativo por meio de um discurso histórico que antecede a tudo. Precisamos a aprender a falar do *bios* e do corpo; afinal uma pesquisa tem alma.

NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p.19.

Quero pensar por meio destas linhas que agora ousou redigir, o discurso transgressor dos corpos periféricos/marginalizados, aqueles que tem sido invisibilizados e excluídos historicamente, negros, povos latinos originários, mulheres, LBTTQ+, camponeses, ou seja, as vítimas deste sistema colonialista eurocêntrico, capitalista, patriarcal, racista. De tal modo que aqui intento erigir uma discussão à luz de uma visada descolonial, com vistas a construir um pensamento *outro* (MIGNOLO, 2020), desobediente e em consonância com o que foi supracitado nas epígrafes, levando em conta, o que na esteira de Edgar Cezár Nolasco, denomino fronteira-Sul. Este espaço geohistórico de onde emergem minhas reflexões, minhas memórias e imagens que moldam muito do que se configurara como meu próprio ser. Este lugar onde o sol se põe (Nolasco, 2014), é o local de meu balbúcio (Achugar), de onde sou e de onde penso (Mignolo) minha fronteira-Sul.

Esse lugar é o local em que “fui colocado, mas que também escolhi” (ACHUGAR, 2006, p. 14), onde corpos fronteirizos subalternizados se põe inconvenientemente frente as normas de condutas do pensamento moderno/colonial hegemônico, e de seus propagadores/reprodutores. O que me suscita inserir à discussão, o escritor mineiro Silviano Santiago. Nesse sentido trago alguns apontamentos e reflexões acerca da transgressão apresentada pelo discurso latino-americano, do papel do crítico latino-americano, e apontamentos sobre suas obras críticas e ficcionais. Junto aqui, tomo também reflexões trazidas a partir de seu texto intitulado: Inconveniências do corpo como resistência (2019).

Insiro-me também nessa reflexão na condição de pesquisador acadêmico, que pensa e habita este lócus fronteirizo, que vive imerso nesta paisagem biogeográfica da fronteira-Sul, sendo envolvido por sensibilidades que afloram neste lócus e que apre(e)nde a partir/com as histórias e sensibilidades locais. Mais ainda, como um homem negro que busca reexistir de maneira *outra*, frente a um quadro de racismo estrutural, que gera estatísticas brutais no que tange à vida de homens e mulheres de pele preta. Pensando minha condição e de demais habitantes deste lócus como corpos inconvenientes que resistem politicamente (SANTIAGO, 2019) frente ao que o projeto moderno/colonial/ocidentalista erigiu como norma a ser seguida, como uma boa conduta.

Deste local concreto onde sujeitos subalternizados se levantam buscando reexistir frente as agruras suscitadas pelo projeto moderno, colonialista, capitalista, branco-hétero-patriarcal-falocêntrico. Se configurando como transgressores às imposições do padrão, imposto como

norma, ao longo do desenvolvimento desse projeto moderno. Essas vozes são desvalorizadas como ao longo da história foram notavelmente invisibilizadas, desconsideradas quanto sua capacidade de produzir reflexões epistemológicas. Para os ouvidos eurocentrados pensamentos e teorizações erigidos desses corpos latino-americanos são apenas balbucios inconsistentes, o que levou a o teórico uruguaio Hugo Achugar a questionar:

[..] - para os ouvidos do hemisfério norte é sempre o do “balbucio” e da incoerência ou da inconsistência teórica? Não será que o “balbucio teórico latino-americano” não é incoerência nem inconsistência? Não será que esse balbucio teórico é outro pensamento ou um pensamento outro? Não será que balbuciar é um “discurso raro”, um “discurso orgulhosamente balbuciante”? Não será que eu tenha escolhido “balbuciar teoricamente” como um modo de marcar e prestigiar meu discurso? (ACHUGAR, 2006, p. 35).

Tendo como reflexão os questionamentos de Achugar a partir dessa citação, fica nítida a desvalorização do pensamento não ocidental, de maneira que o teórico uruguaio aponta a metáfora do balbucio para demonstrar como “os ouvidos do hemisfério norte” desdenham dos discurso latino-americano. Tal apontamento ressalta o que tenho descrito como invisibilização de corpos subalternizados, num sentido que engloba, filosofia e cultura histórica destes corpos. O que o processo de colonização buscou fazer, em nome do que chamou de salvamento das almas selvagens e barbaras, daqueles corpos não europeus/católicos.

Entendo como necessário ter em mente que “a produção do conhecimento é inseparável das sensibilidades do local geográfico e que os locais históricos, no mundo colonial/moderno, foram moldados pela colonialidade do poder” (MIGNOLO, 2020, p. 249). Desta forma vejo que “o sujeito social pensa, ou produz conhecimento, a partir de sua “história local”, ou seja, a partir do modo que “lê” ou “vive” a “história local” (ACHUGAR, 2006, p. 29), de modo que, assumo como condição para este intento a opção descolonial, superando o que é tido apenas como balbucio, convicto de que esta opção “não é só uma opção de conhecimento, uma opção acadêmica, um domínio de ‘estudo’, mas uma opção de vida, de pensar e de fazer” (MIGNOLO, 2017, p. 31). Tendo como basilar para essa opção assumida, que ela requer a adoção de uma perspectiva que tem como base a desobediência epistêmica.

2. METODOLOGIA

Este trabalho é um recorte da pesquisa PIVIC (Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica) realizado pela UFMS Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e tem como emprego metodológico a pesquisa bibliográfica com foco, sobretudo, na publicação: *Em liberdade* (1981) de Silviano Santiago, também nos debruçamos sobre textos do escritor mineiro, como o ensaio intitulado, O entre-lugar do discurso latino-americano, que foi publicado no livro com título *Uma literatura nos trópicos* (SANTIAGO, 2019), bem como o artigo denominado: Inconveniências do corpo como resistência (SANTIAGO, 2019). Também nos apoiamos na leitura de: *Histórias locais / projetos globais* (MIGNOLO, 2020), bem como seus textos de (MIGNOLO, 2019); (MIGNOLO, 2017); (MIGNOLO, 2014); (MIGNOLO, 2011); (MIGNOLO, 2008), também na leitura de (ACHUGAR, 2006) e (SANTOS, 2019). Também nos apoiamos como pesquisa bibliográfica em textos a respeito da crítica biográfica fronteira, que a teorização a qual empregamos para essa reflexão, onde destacamos a leitura de: (NOLASCO, 2019); (NOLASCO, 2018); (NOLASCO, 2014), (NOLASCO, 2013).

2. RESULTADOS

Penso que para o intento aqui exposto, de alcançar este olhar *outro*, é auspicioso pensar a partir da crítica biográfica fronteira, pois ela impele a um pensar e um fazer, pautado na desobediência epistêmica, que deve além de se pautar por uma desobediência civil buscar construir uma prática epistemológica outra, não tentando apagar o que existe como padrão de pensamento teórico. De forma que se torna primordial, superar esse padrão hegemônico, transgredir assim a imposição de reiterar disciplinarmente o que é imposto como forma única de se pensar epistemologicamente, e desta maneira romper com as agruras que esse padrão provoca. Para que assim dar voz e valor aos corpos invisibilizados pelo pensamento moderno/colonial.

Numa reflexão que está diretamente relacionada ao meu *bios* e meu *lócus*, e que por meio da articulação com algumas imagens, que arrola a *posteriori* nesse texto, intentando ao exercício teórico de aprender a desaprender para reaprender (MIGNOLO, 2008). Penso a condição dos corpos marginalizados pela colonialidade/modernidade, bem como seus discursos (balbucios) que são erigidos em resistência política, numa luta para se (re)existirem como seres pensantes, a partir de meu *lócus*: a fronteira-Sul, de modo que só posso alçar tal reflexão me pautando nos estudos descoloniais.

3. Conclusões

Quando olhamos para a própria realidade latino-americana e mesmo olhando a nossa realidade nacional, ficam caracterizados também, centros hegemônicos que reproduzem exclusões e divide em centros e periferia, estando à região de onde pensamos e teorizamos relegada a periferia brasileira, na fronteira sul com Bolívia e Paraguai, deste local periférico e fronteiro devemos a esteira das teorizações de Nolasco, apreendermos e replicarmos em nosso fazer acadêmico, a consciência descolonial e a desobediência epistêmica, como conceitos basilares, pois mesmo com os avanços dos estudos pós-coloniais ainda é notório o fato de que o discurso moderno ainda impera em boa parte da academia.

Inferindo ainda minha condição, onde meu corpo, que ousa re-existir, quando as estatísticas apontam para uma vida relativamente curta, com um nível escolar baixo, eu sou o homem preto que nasceu, cresceu e ainda vive na periferia de um centro urbano, em meio à violência e o medo, de criminosos e mesmo da violência policial. O homem preto da periferia que ousa, contrariando as estatísticas, a sobreviver, pensar, pesquisar e a escrever, um corpo que desobedece epistemologicamente, que escre(vi)ve na e a partir da minha fronteira-Sul um lugar de “exposição de exterioridades biogeográficas como modos de produção de arte, cultura e conhecimentos. Um lugar em que o corpo físico como compreendemos hoje – especialmente nas artes – está cada vez mais no lugar moderno do corpo padronizado” (BESSA-OLIVEIRA. 2019, p. 94).

Portanto penso que só com uma prática descolonizante em nossas abordagens, sobretudo acadêmicas pautados numa desobediência epistêmica em nossas vivências pedagógicas, críticas e em nossas pesquisas será possível estabelecer um olhar *outro*. Como corpos inconvenientes que ousam resistir e nadar contracorrente política e artisticamente para assim superar o pensamento ocidentalista eurocêntrico pautado pela visão de mundo trazido pelo pensamento da modernidade.

Referências

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Tradução: Lyslei Nascimento. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2006

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. Pedagogias da diversidade. In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Pedagogias Descoloniais, Pedagogias, v. 1 n. 21 (2019). Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/9691> Acesso em: julho/2020.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/Projetos globais*. Trad. de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo horizonte: Editora UFMG, 2020, 1. ed. rev.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. In: Revistas UNILA: Epistemologias do Sul, Foz do Iguaçu-PR, 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645> Acesso em: julho. 2020.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade está longe de ter sido superada, logo, a decolonialidade deve prosseguir. In: MASP e a Afterall Arte e descolonização. Edição 2019. Disponível em: <https://masp.org.br/uploads/temp/temp-YC7DF1wWu9O9TNKezCD2.pdf> Acesso: julho 2020.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. 2008. Disponível em: http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf Acesso em: julho. 2020

NOLASCO, Edgar César. DESCOLONIZANDO A PESQUISA ACADÊMICA: uma teorização sem disciplinas In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Tendências Artísticas do Século XXI Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/7725/5545> Acesso em: ago. 2020.

NOLASCO, Edgar César. Perto do coração selvagem da crítica fronteiriza. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

NOLASCO, Edgar César. Silvano Santiago e lugar onde o sol se põe: entrelugares epistemológicos ao sul da fronteira-sul. In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: SILVANO SANTIAGO: uma homenagem. Campo Grande/MS: Editora UFMS, v.6, n.11, jan.\jun. 2014. P. 17-29.

SANTIAGO, Silvano. *Em liberdade: uma ficção de Silvano Santiago*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Rocco,1994.

SANTIAGO, Silvano. Inconveniências do corpo como resistência política. 2019. Disponível em: https://issuu.com/suplementopernambuco/docs/pe_165_web Acesso: junho. 2020.